**Entre cheias e vazantes: professores de música no interior do Amazonas**

Renato Antonio Brandão Medeiros Pinto[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Não é de hoje que o Brasil não conhece o próprio Brasil. O médico Djalma Batista, já em 1976, quando publica sua obra “O complexo da Amazônia”, revela a intimidade de um país, no caso, a Amazônia, com elementos muito característicos e únicos quando comparados com o resto da nação. Nestes 45 anos passados, quando se faz nova leitura do trabalho do médico, percebe-se como muito do que é dito pelo observador não mudou. Assim, diante dos 40 anos de formação de professores de arte no Amazonas, permanecem inquietudes sobre como a complexidade apresentada por Batista reflete na atual configuração do ensino das artes nos diferentes vales de rios amazônicos. O estudo propõe uma abordagem bibliográfica partindo do trabalho do Professor Doutor Jackson Colares à cerca da fundação do curso de Licenciatura Plena em Educação Artística em 1980, dentro da então denominada Universidade do Amazonas, ao qual este levantamento identifica a historicidade da formação de professores de arte até a criação da Faculdade de Artes em 2017. Por este viés, é feita a contabilidade de alcance do esforço para cobrir as dimensões do espaço territorial amazonense. Por isso, é justo refletir sobre como até hoje as cadeiras de arte, sobretudo nas escolas do interior do estado, estão vazias quando estas mesmas existem.  A vida ribeirinha e suas especificidades teimam em entortar os padrões de formação acadêmica no universo dos rios e matas. Não obstante a isso, ainda temos as considerações feitas pela Professora Doutora Rosemara Staub de Barros, quando coordenadora do PARFOR faz público um relatório de ações deste programa nos municípios de São Gabriel da Cachoeira, Itacoatiara, Barreirinha e Manicoré, praticamente nas principais calhas fluviais que o curso de música se fez presente.  Para tanto, em específico, a investigação traz números importantes sobre alunos formados, vagas criadas nas sedes municipais, características do processo de formação dos professores e mapa do alcance das atividades no estado. Aos detalhes de teorização confiamos à Professora Doutora Lia Tomás, membro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música(ANPPOM) as questões sobre pesquisas em música no Brasil como estado de conhecimento(2015), uma tese de verificação dos planos de ensino no  Amazonas pela pedagoga Cátia Lemos(2020) e fechando, um suporte sobre trajetórias de criação artística no interior do estado pelo Mestre Pedro Vanuzo Costa e sua dissertação defendida em 2020. Tais trabalhos permitem criar uma imagem do que é o ensino da arte perante a complexidade amazônica, tempo e espaço criativo. Dessa forma, o texto considera os anos de desenvolvimento do curso de artes na Universidade Federal do Amazonas(UFAM), obstáculos e avanços, visibilidade do real ao contrário do imaginário brasileiro sobre a região e por fim, o potencial e esforço dos que decidem trabalhar para a educação mesmo tangenciando indiferenças governamentais. De maneira qualitativa e quantitativa, os resultados são exclusividade de uma leitura bibliográfica e produção de conhecimento para o crescimento do ensino no norte do país.

**Palavras-chave**

Formação Docente, Licenciatura, Música

**Introdução**

Na vastidão do maior estado da federação brasileira as ações de formação de futuros professores de música chegam perto de uma década de investimento. O ciclo das águas no sentido de subidas e descidas determina um ritmo de vida muito específico de nossa gente, logicamente influenciando os projetos de melhoramento do acesso ao ensino superior no interior do estado. Assim, a história do curso de artes da Universidade Federal do Amazonas, UFAM, contendo em si a criação do curso de Educação Artística, nos traz parte de um panorama de decisões e práticas dos professores de música no interior da unidade amazonense.

Para tal posicionamento reflexivo este trabalho foi em busca do que é a complexidade sustentável da Amazônia e de seus habitantes, partindo do ponto de vista do médico Djalma Batista que percorreu os cantos de produtividade do estado avaliando não somente as questões sanitárias, mas também elementos observados da cultura. Sociologia e economia desta parte do país. Dessa consideração, tomamos por certo o quanto há de permanente do contexto apresentado por Batista desde de 1976 com a publicação de seu livro “O Complexo da Amazônia” para as visualizações atuais.

Para uma melhor compreensão das fases do estudo temos como conceitos especificados a resistência causada pela ação educativa(Paludo, 2015), (De Alvarenga, 2015) com as determinações impostas pela presença ou ausência de concursos públicos, (Bueno, 1993) que aborda a evasão de alunos sob um olhar antigo e presente, entre outros autores integrados ao tema. A diferença de Manaus para as cidades do interior do Amazonas é tão distinta que vale considerar como claro o objeto observado como substância do “professor do interior”, pois suas ações e tempo são muito particulares.

Além de toda a parte revisada como teoria, o estudo também tem a colaboração de dois sujeitos fundamentais para o quadro defendido no corpo deste texto. Sem uma ordem de prioridade ou hierarquia, citamos o valioso trabalho do Professor Jackson da Silva Colares, maior responsável pela criação da Faculdade de Artes, FAARTES e da Professora Doutora Rosemara Staub de Barros, pela acolhida do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, PARFOR/música em quatro municípios do Amazonas. Nessa conta, tanto Colares quanto Barros determinam alguns registros sobre a história da formação do professor de arte no estado e por algumas vezes, por toda a região norte brasileira.

O estudo não se baseia no ideal de fixar um marco historiográfico, por outro lado, tenta desenhar um contexto específico e quase sempre desconhecido por boa parte da nação em relação a complexidade e formação do pensamento do homem do norte e o impacto de tais ideais. Por isso, os tópicos submetidos privilegiam esclarecer em partes o total de um comportamento natural e próprio das qualidades e dificuldades sofridas durante as licenciaturas do interior de nossa Amazônia.

**Breve memorial do autor**

Sou professor da FAARTES desde de 2010, ocupo a cadeira de Tecnologias e Produção Sonora e por uma feliz coincidência, também sou licenciado em Artes pela mesma instituição. Nasci em Manaus e conhecer a Amazônia sempre foi uma atividade constante em minha vida. Antes mesmo de ingressar no ensino superior, a música por meio dos grupos que tocava, me oportunizou estar em pontos estratégicos da imensidão do território amazonense. Poucas pessoas sabem, as diferenças locais dentro de nosso próprio estado às vezes conferem configurações políticas distintas. Dizendo de outra maneira, há tanta diversidade no Amazonas que se motivam sensações de estranhamento quando se migram entre as sub-regiões regionais.

Quando a Professora Rosemara, na função de coordenadora do PARFOR/Música, nos comunicou sobre o início do programa em 2011, ainda que eu já tivesse uma vasta compreensão sobre determinados espaços ribeirinhos, tive uma completa noção equivocada do que viriam a ser os quatro anos de docência nos polos contratados. Cada município determinaria um ritmo de aprendizagem e todos trariam novas propostas de responsabilidade.

Estavam envolvidos, Barreirinha na parte do Médio Rio Amazonas, Manicoré no Médio Rio Madeira, São Gabriel da Cachoeira no Alto Rio Negro e Itacoatiara no Alto Rio Amazonas. A cada cidade visitada pude perceber como as turmas estavam alheias a uma formação básica musical. Os desafios se distribuíam entre professores, alunos e prefeituras, uma realidade esperada e nada teria sido constituído.

Nossos alunos, em sua maioria esmagadora, trabalham com a educação dentro da mata, suas escolas estão alocadas no âmago da floresta e ter noção exata do que é o PARFOR por eles, alcança um nível elevado de exigência inicialmente e erradamente doado por nós professores. As classes nos quatro polos refletiam um total desconhecimento por parte dos estudantes sobre o curso que efetivamente eles iriam percorrer na grande jornada da graduação. Mesmo assim, fomos em frente.

**Eventos de criação do curso de música na UFAM: movimento da capital para os interiores**

No valioso trabalho de Colares & Piccolotto(2013), a trajetória de criação do que hoje é a Faculdade de Artes remonta todo o poder de desenvolvimento do período áureo da exploração da borracha no norte do Brasil. Porém, de maneira mais específica, os autores determinam a metade da década de 1960 como um marco para a mudança da mentalidade social da capital em relação ao ensino das artes. A criação do Conservatório Musical Joaquim Franco, nome dado em homenagem ao paulista que iniciou no fim do século XIX as primeiras formações musicais, tem-se a necessidade de propor um perfil de ensino em Manaus.

A formação dos músicos até então pelo conservatório era regida e gerenciada pela Secretaria de Estado e perdura até 1968, quando é definitivamente transferida para os cuidados da Fundação Universidade do Amazonas, FUA. Somente em 1973. Por meio de uma resolução interna da instituição, é criado de fato o Departamento de Música, dando força a formação superior nesta mesma linguagem de arte. Nessa corrente de transformações a administração universitária cria o Setor de Artes e posteriormente, o Centro de Artes próximo ao fim da década de 1970

A ampliação de oferta de cursos em arte pelo Setor de Artes da então UA, viabiliza um movimento gradual para a criação em 1980 do curso de ensino superior em educação artística. A estrutura de licenciatura plena em educação artística perduraria até o ano 2000, tendo assim o desmembramento global para especificidades em artes plásticas e música. A mudança de currículo e a chegada de novos professores, fortalece a ideia de criação do Instituto de Artes da UFAM, propositura demorada e atordoada por interesses políticos e espaciais dentro da organização geral da unidade universitária. Após algumas tentativas, por meio das mãos do Professor Jackson Colares, em 2016 é criada a Faculdade de Artes contabilizando mais uma unidade autônoma para o corpo da UFAM.

**PARFOR Música: entre cheias e vazantes**

Como pudemos observar no tópico anterior, a trajetória de formação, sobretudo, da ideia de ensinar arte na Amazônia configura um grande desafio. Ao apontar o modo de pensar do homem do norte, Batista(1976), acusa obviamente o meio por conta de determinados comportamentos. A força de trabalho trazida do Nordeste para o cultivo e exploração do látex fez, guardando as devidas proporções, que o indivíduo se adequasse às novas formatações impostas pela região de sessões alternadas em alagadiços e baixios. Segundo este mesmo autor, o que se conservava lá não necessariamente precisava permanecer aqui.

Logicamente que em todos os processos de aplicação do programa de formação de professores pelo país ocorreram problemas. É clara a condição de realidade de cada local ou cultura. Couto *et.al.*(2015), dispõe com muita proximidade ao que confere este estudo sobre a protagonismo do PARFOR na Bahia. Para elas, a iniciativa é relevante e pertinente, a lei cobra e estabelece parâmetros, por outro lado, não avalia os caminhos tomados se as decisões são unicamente tomadas de cima para baixo. Nessa proposta, o acúmulo de informações que protegeriam o PARFOR de determinados impactos surge como solução para Caldart *et.al.*(2015), que fixa uma condição de ampliar o que seria uma Educação do Campo o campo.

Usando tal forma de pensar Djalma Batista nos esclarece algumas formas no agir do estudante do interior do estado. A UFAM, desmerecendo distintos valores pré-existentes, desembarcou nos polos de formação e iniciou sua jornada pedagógica como vinha fazendo nos últimos 100 anos de história. Em hipótese alguma se faz juízo do valor nesse sentido. Na verdade, tanto professores quanto alunos coexistiram em um aprendizado significativo em suas áreas particulares. Desse modo, imaginemos a seguinte situação fictícia:

*Há uma escola situada nas margens do lago Grande, distante da sede de Manicoré 16km com acesso exclusivo por curso d`água. Em dimensões amazônicas, usando uma embarcação regional, tal distância leva em tempo de curso mais ou menos 6 horas. Também é justo codificar que o trajeto se dá em águas baixas, ou seja, rio seco e em determinado trecho, as pessoas precisam sair do barco para literalmente colocá-lo na cabeça invertendo a condição de transportados para transportadores. Este mesmo lago não possui comunicação telefônica e a vida, ainda que possamos pensar mal, é pacata e confortável, os bens naturais são abundantes e a rotina se engrena em comunidade.*

*Como as casas e equipamentos como escola e centro médico ficam ao longo da margem do lago um alto-falante posicionado estrategicamente dá as ordens e notícias circulares para todos. Organizados, os membros dessa comunidade elegem representantes e estes, quando se dirigem à sede do município, trazem as considerações postulando-as na mesma “boca de ferro”. Certa vez, a novidade vem da Secretaria Municipal de Educação, diz que os professores do lago sem formação superior terão por meio da Plataforma do Governo a oportunidade de adquirirem grau superior. A voz do lago soa contando a novidade e sem entender certo, fica dito que todos os interessados estão comunicados do suposto apoio educacional.*

*Corre entre professores e gestores a novidade. Alguns entendem melhor que outros e fica claro que cada um beneficiado pelo PARFOR terá a tão sonhada formação acadêmica. Finalmente José se formará em Ciências, Maria em Língua Portuguesa e assim por diante. Passam os dias e o prazo de ingresso com os respectivos nomes se esgota e a distância do lago para o computador conectado na internet é enorme, um representante da comunidade é eleito para ir a Manicoré e inserir o nome dos professores nos cursos que cada um há marcado. Tal missão é levada ao ermo mas ao chegar na sede o encarregado se depara com dois dias de ausência completa do sinal de internet na cidade. O prazo, cada vez menor, elimina paciência e alegria. Quando o sinal volta, já não há mais tempo para a inclusão sincera dos nomes e suas preferências. Nessa hora, operador do computador e encarregado se entendem e abrem qualquer curso na plataforma e o medo de não conseguirem sucesso nas inscrições, faz prioridade que pelo menos contemplem qualquer turma e assim o fazem.*

 A situação criada acima é baseada nos relatos feitos pelos alunos durante o período de aceitação do curso de música. Em um apanhado narrativo, a distância do “lago e da cidade” mostra como as coisas funcionam ainda hoje. O que tivemos no início das turmas do PARFOR foram momentos de total surpresa de todas as partes. Esperávamos músicos nas salas e na verdade, tínhamos pessoas esperando estudar letras, ciências, biologia, entre outros. Fora esta condição, os alunos domiciliados nas suas regiões, no caso, no lago, não tinham aposentos na sede da cidade, despendiam de custos para se manter e os 80 dias de formação configuravam fortes desafios por toda a diversidade.

Professores das redes públicas de estados, municípios e do Distrito Federal, que não possuem curso superior ou que lecionam em área diferente da sua formação, devem ficar atentos à data de pré-inscrição do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) presencial. (MEC, 2016. P,1)

A grandeza e desigualdade brasileira impedem que tais disposições feitas por parte dos ministérios sejam amplamente aplicadas. Em específico sobre nossa região, há preponderâncias para o sucesso educacional do professor do interior do estado. Do mesmo modo, a vontade de fazer e o valor dado ao crescimento por meio da educação foram fatores relevantes que contribuíram para o quadro de formação nos quatro campos de ensino como vamos observar.

**Tabela 01: Levantamento de alunos matriculados e concluintes por polo de atuação**

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Turma | Polo | Iniciaram | Concluíram |
| 01 | Barreirinha | 34 | 12 |
| 01 | Itacoatiara | 47 | 35 |
| 02 | Itacoatiara | 44 | 32 |
| 01 | Manicoré | 27 | 15 |
| 01 | São Gabriel da Cachoeira | 26 | 18 |
| Total | 178 | 112 |

Partindo dos dados fornecidos do comparativo das matrículas de turmas de 2011 à 2016, 62,9% se mantiveram matriculados na licenciatura. Na visão de Bueno(1993), é possível considerar que a evasão dos alunos e parte considerada pela desinformação como principal motivo. Dado o perfil requisitado pelo MEC a faixa etária contemplada parte dos 25 anos, conferindo ao público o caráter ativo em suas funções escolares. Ainda o mesmo autor considera a falta de estrutura física como um segundo fator. Porém, em todos os polos as condições de trabalho eram amplas e satisfatórias. (Ramos *et.al.* 2020)

BUENO(1993, p.03) diz que as “adaptações que envolvem condições financeiras (moradia, viagens, compra de material, etc.) são mais facilmente superadas;”, as dificuldades enfrentadas quando fazem frente aos benefícios estabelecidos pela formação, quando aplicamos no global dos quatro polos, refletem na satisfação da conquista. Para o curso de música os alunos, por parte da coordenação, receberam violões, flautas doce e estantes para treino enquanto estavam em seus *domos*, período de maior distanciamento entre as aulas presenciais.

**Política e o contexto do egresso licenciado em música**

Com os números acusando mais de 62% de aproveitamento do investimento inicial, com a participação das prefeituras no ato do interesse em erradicar a falta de diplomas no quadro de seus professores e na demanda crescente por melhorias na educação brasileira, a absorção do professor de música por meio de concurso público nas sedes polo do PARFOR é incompatível com o quadro anteriormente indicado. As turmas de licenciatura em música colaram grau em março de 2016, desde então as esferas do estado e respectivos municípios não promovem meios de seleção para contratação dos novos professores formados pelo programa.

A Concepção de Educação Popular (EP) como campo de conhecimento e como prática educativa se constituiu em exercício permanente de crítica ao sistema societário vigente, assim como de contra-hegemonia ao padrão de sociabilidade por ele difundida. Construída nos processos de luta e resistência das classes populares, é formulada e vivida, na América Latina, enquanto uma concepção educativa que vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma ordem societária que não seja a regida pelo capital.(PALUDO, 2015, p.02)

“O concurso público é uma das formas do professor ingressar na rede pública de ensino

da Educação Básica e atuar como docente efetivo, tendo direito ao plano de carreira e

outros benefícios aliados ao exercício da profissão.”(DE ALVARENGA, 2015, p.108). Ainda que seja um recurso legal, sua previsão ocorre justamente para indicar economia e sustentabilidade do processo educacional de um município. O fluxo dessa ideia de gestão só reflete o interesse inicial de cada prefeitura ter iniciado a formação de seus futuros docentes concursados.

Um problema nacional segundo De Alvarenga(2015) é a falta de identificação nos processos seletivos de concurso para o magistério. Em outras palavras, a separação distinta das linguagens distanciou o conhecimento de alunos formados em música de outras áreas. Para a autora, cada administrador deveria promover, como já traz a legislação, provas direcionadas a cada grupo formado. Infelizmente, no caso que aqui abrimos, a problemática antecede até mesmo a divergência denunciada por De Alvarenga, não há processos de seleção nos polos atendidos.

Em março de 2021, já completamos mais de cinco anos de formação dos egressos. A constante comunicação com tais alunos nos permite afirmar que nada tem-se visto como promessa para esse quadro. Logicamente, não se trata de uma defesa que enquadra o serviço público como única alternativa de emprego do aluno já docente, mas é a incoerência dos fatos que nos intriga.

Em particular, o interior do Amazonas não conta com grandes empresas, muito de sua economia provém do comércio e serviço público e a logística imposta, soma a um determinado isolamento que fere alguns interesses de crescimento pessoal. Neste sentido, lembro do relato de uma aluna que precisava deixar o município de São Gabriel da Cachoeira para ir a Manaus, sua mãe já tardava nos exames de uma doença grave e os custos desta investida superavam, para termos de comparação, uma mesma viagem à Porto Alegre saindo da capital amazonense.

**Considerações finais**

A “passos de formiga e sem vontade”, como diz Lulu Santos, a educação na Amazônia caminha. Os desafios são enormes, a realidade indígena e riqueza cultural às vezes geram deslizes sob os procedimentos de solução que partem do Ministério da Educação e outros que visam o desenvolvimento de nossa nação. Desde o tempo que cada professor leva a se destacar da sede Manaus aos municípios assistidos, até a ausência de sinal de *internet* e telefonia celular, o PARFOR ocorreu e se concluiu. Da forma como Djalma Batista(1976) percebeu a Amazônia ao objeto de resistência de Paludo(2015), são evidentes as transformações. Em outros aspectos o que permanece fixo é cultural e lógico. Ao mesmo tempo é muito interessante perceber como tudo partiu das iniciativas do Conservatório Joaquim Franco até a criação da Faculdade de Artes da UFAM, todos modelos do apoio e subsistência dos ideais artísticos no nosso estado. O mais justo é verificar como verdade que diante do número de 62 municípios que compõem a unidade federativa do Amazonas, menos de 10% possuem professores formados em arte, não tendo nem como parâmetro Manaus, pois é uma discrepante realidade do modelo global amazonense entre suas cidades.

Por fim, as sementes foram plantadas, os rios continuam a subir e descer e nossa vida segue em luta e reconhecimento. O estudo é capaz de indicar pontas para novas pesquisas de assuntos e temas diversos que englobam o surgimento de professores de arte/música no interior da floresta e seus cursos de rios. As observações não alcançam com precisão quantos deram continuidade ao magistério, quantos aprenderam de fato a tocar um instrumento e quantos ingressaram em pós-graduação. Porém, tal esforço aqui empregado se ocupa de iniciar uma militância por mais vagas e oportunidades.

**Referências**

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**. (análise do processo de desenvolvimento). Conquista. Manaus. 1976.

BUENO, José Lino Oliveira. A evasão de **alunos**. Paidéia (Ribeirão Preto), p. 9-16, 1993. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/paideia/a/6F8TQQbf5N3ZsDPGzJJXj9p/?lang=pt>> Acesso em: 22.08.2021 às 13:01

COLARES;, J.; PICCOLOTTO, D. **Instituto de Artes: projeto de implantação**. 1o ed. Manaus: Editora EDUA, 2013**.**

CALDART, Roseli Salete et al. **Educação do campo**. Dicionário da educação do campo, v. 2, p. 257-265, 2012. Disponível em: < <https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/405410/mod_resource/content/1/0%20que%20%C3%A9%20educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20campo%20caldart.pdf>> Acesso em: 21.08.2021 às 11:38

COUTO, Maria Elizabete Souza et al. **As condições de formação do professor-discente do PARFOR na Bahia**. Horizontes, v. 33, n. 1, 2015.

DE ALVARENGA, Valéria Metroski. **Os concursos públicos para professores de arte da educação básica privilegiam alguma linguagem artística?**. Revista Digital do LAV, v. 8, n. 1, p. 105-121, 2015.

MOREIRA, Dulciane et al. INTEGRANDO APPS NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO INFANTIL DA ESCOLA DE ARTES-UFAM. AEC&D-Arte, Educação, Comunicação & Design, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/dcae/article/view/7478> Acesso em 21.08.2021 às 23:12

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. Cadernos cedes, v. 35, p. 219-238, 2015.

RAMOS, Evandro José Santos; ZAGO, Rosemara Staub; NAJAR, Núbia Silva. Licenciatura em Artes Visuais a Distância no Amazonas/BR. Octaedro. V.1, pl 2926 2933. Manaus. 2016.

TEIXEIRA, Wagner Barros; BRANDÃO, Raimunda Julia de Freitas. Parfor no Amazonas: fronteiras, deslocamentos, e formação de professores de Espanhol. Polifonia, v. 27, n. 47, 2020. Disponível em: [https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/10776 Acesso em 29.08.2021](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/10776%20Acesso%20em%2029.08.2021) às 00:35

1. Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Artes, Professor Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia. [↑](#footnote-ref-1)